



A Representação do Nordeste no Jornal Nacional durante os meses de Janeiro a Junho de 2022¹

Domingos ALMEIDA²

Alicy TEIXEIRA³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz (MA)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral analisar como a região Nordeste é noticiada pelo Jornal Nacional. A partir das notícias o telejornalismo constrói representações, é através dele que muitas pessoas ficam sabendo o que está acontecendo e muitas vezes “conhecem” determinados lugares. Desta forma, o presente estudo visa observar quais os principais temas são noticiados durante os seis primeiros meses do ano de 2022, sendo utilizado a ideia da semana construída. Os referenciais teóricos principais são Albuquerque (2011), Freyre (2004) e Hall (2016). Para a construção desse estudo, a metodologia utilizada foi a Análise do Discurso de linha Francesa, com base descritiva e interpretativa dos discursos verbal e não verbal do telejornal.

PALAVRAS – CHAVE

Nordeste; Telejornal; Região; Regionalismo; Jornal Nacional

INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro é uma região composta por nove estados e conhecida por suas paisagens deslumbrantes, e seus tipos de clima distintos semi-árido, equatorial úmido e tropical que permite apenas duas estações no ano: chuva e intenso calor. Um território vasto em diversidade cultural, histórica e geográfica. Constantemente é objeto de estudo por pesquisadores e economistas, visto que é uma região que se destaca por sua influência na economia e política do país.

¹Trabalho apresentado no 18º SIMCOM - 18º Simpósio de Comunicação da Região Tocantina.

²Professor visitante do Curso de Jornalismo da UFMA e Doutor em Mídia e Cotidiano (UFMA). Realiza Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM/UFMA). - domingos.jzufma@gmail.com

³ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - Campus Imperatriz. Email: alicyteixeirabt3@gmail.com



MOSTRA CIENTÍFICA

18º SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA

11 a 13 de dezembro de 2024 | UFMA | Imperatriz - MA

O que conhecemos hoje como uma das regiões mais influentes do Brasil, outrora nem existia. A invenção do nordeste está atrelada a discursos criados por uma elite sulista que julgavam conhecer as terras. Mas afinal quem era essa elite sulista? De qual local falavam? E para quem falavam? É de suma importância ter as respostas dessas perguntas, pois a comunicação sempre foi um instrumento forte para tornar realidade ideias e criar representações de um conto. Bem como, o narrador tem em suas mãos o lápis para contornar os limites do personagem.

Tanto os principais jornais impresso como os telejornais encontravam-se no eixo Rio e São Paulo. Ainda na atualidade o telejornal de maior alcance nacional está localizado no centro do Rio de Janeiro. O Jornal Nacional, reconhecido por ser o primeiro a ir ao ar sendo transmitido em todo o solo brasileiro, no dia 01 de setembro de 1969, apresentado por Armando Nogueira e Cid Moreira. Desde o surgimento já havia um plano de grande alcance para o JN, que contava com o apoio do Tronco Sul: Rio, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba.

No início dos primeiros telejornais as pessoas ainda estavam acostumadas com o rádio, contudo a novidade de poder assistir os gols de Pelé, a grande seca do Nordeste e as tragédias que estavam acontecendo despertou a curiosidade das pessoas. A televisão tem o poder de tornar “real” os fatos na imaginação do telespectador, ela possibilita as pessoas conhecerem locais que nunca havia visto antes, a partir das representações.

O termo representação é complicado e ambíguo. Deriva-se etimologicamente da palavra latina ‘representare’ que denota trazer simbologia. Conforme a pesquisadora Sandra Makowieck (2003), representação é um processo que cria um representante, que algum momento ocupa o lugar de quem representa. Na religião, política ou cultura dos territórios os símbolos estão presentes, evidenciando a identidade, e os estudos sobre, auxiliando na compreensão dos significados e as linhas do que se retratado.

METODOLOGIA

A pesquisa ainda está sendo desenvolvida, mas já foram catalogadas 36 edições do telejornal, que possui em torno de 40 minutos a 1h cada programa. Essa pesquisa estar sendo desenvolvida com os seguintes capítulos: 1 – Um Nordeste narrado por EU, 2 –



Nordeste; Regionalismo; Representação , 3 – Jornal Nacional: Telejornal de Horário “Nobre” e sua Linguagem.

Essa investigação irá contribuir para os estudos sobre o Nordeste e o telejornalismo brasileiro recente. O estudo está sendo desenvolvido a partir da Análise de Discurso (AD), visando analisar como a língua constrói ideologias. Para Michel Foucault ela deve ser abordada de forma a observar como os discursos estruturam a sociedade e moldam as relações de poder. Acredita-se que os discursos são matérias regidos de uma manifestação estratégica que circulam e são redistribuídos dentro de uma ordem e coerção. Foram coletadas uma semana de cada mês a partir de janeiro a junho de 2022, visando atingir os objetivos de analisar como o Nordeste é pautado no telejornal, observar como é abordado os assuntos relacionados a região Nordeste em um jornal feito do Sudeste, reconhecendo os principais temas dado aos nordestinos.

De certo, que por se tratar de uma Análise de Discurso e não de Conteúdo, não será mencionado o termo categorias uma vez que utilizei para a coleta temas de partida. Ou seja, ao assistir as edições do JN partir da ideia que encontraria notícias sobre os determinados temas: Educação, Saúde, Segurança, Lazer, Política, Economia, Cultura e Meio Ambiente. A escolha de notícias diversificadas em termos de conteúdo e enfoque visa fornecer uma visão ampla da cobertura jornalística, permitindo uma análise rica e detalhada dos modos de representação da região. No geral foram encontradas trinta e seis (36) notícias sobre o Nordeste, foi notado que em uma semana de telejornal no qual são em torno de 300 horas semanais o Nordeste é notícia em uma média de 4 a 6 vezes, esporádico o caso de janeiro que atingiu 15 recortes.

O mês com mais notícias registradas sobre o Nordeste foi o janeiro, primeiro mês do ano. A técnica utilizada para a coleta como já mencionada é conhecida como semana construída, sendo uma estratégia amplamente utilizada na coleta de dados, especialmente em pesquisas que envolvem a análise de produções midiáticas, como programas de TV, jornais ou revistas. Essa perspectiva é buscada particularmente quando se busca obter um modelo representativo do conteúdo ao longo do tempo, sem a necessidade de analisar todo o material disponível, visto que possui um grande volume de dados.



Quando aplicada a Análise de Discurso Francesa, por exemplo, a técnica da semana construída é valiosa e eficaz. Pois, permite a aplicação de métodos analíticos em uma amostra reduzida que representa bem o conteúdo total. Facilitando também na identificação de padrões discursivos, variações sazonais e outras nuances na cobertura midiática.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Albuquerque (2011) a região deve ser pensada como um conjunto de imagens e expressões, que devido as repetições independentes da época ou do estilo, não pode ser vista como homogenia. Uma região não é apenas um espaço geográfico, mas sim uma zona culturalmente rica e diversificada, onde variados costumes influenciam e coexistem. As repetições podem está relacionadas a elementos religiosos, gastronômicos, linguísticos, artísticos que impossibilitam reduzi-las em apenas uma identidade homogenia. Ao longo do tempo as diferenças regionais, que já fortaleciam um regionalismo contribuíram para a invenção de uma nova região brasileira, Nordeste.

“O Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual de espacialização das relações de poder” (Albuquerque, 2011, p. 33). Durante a colonização portuguesa, o Nordeste produzia muita cana-de-açúcar, mas apesar de ser uma riqueza ligada às terras, o poder ficava nas mãos de poucos, o que influenciou na estrutura social e econômica da região.

Para o escritor Gilberto Freyre, na obra *O Nordeste*, a monocultura da cana criou uma estrutura de vida uniforme para os nordestinos ricos e pobres. O autor, diferente de Durval Albuquerque, acredita que “foi a monocultura da cana que criou condições de vida, de habitação e de alimentação particularmente favoráveis, pela relativa uniformidade ou quase semelhança dos processos e dos valores utilizados em cada uma daquelas esferas da população – na alta e na baixa” (Freyre, 2004, p.122).

Ao pensarmos que todos os nossos atos constroem nossa identidade, desde o trabalho ao lazer e que segundo Hall (2016), os sentimentos, o que é dito e até pensado cria representações, sentidos e significados que moldam a percepção de nós mesmos e do



mundo ao nosso redor. Esse método de construção de identidade é visível no contexto do povo nordestino.

O Nordeste se inventou em uma identidade coletiva vibrante e forte, que reflete um regionalismo cultural presente em suas histórias, tradições e modos únicos de vida. Embora, em grande parte, essa identidade é moldada por discursos externos que constantemente destacam aspectos negativos da região, como a seca, a violência e a miséria. As narrativas externas estigmatizam o Nordeste e os nordestinos, criando uma representação distorcida e unilateral que não faz menção à real riqueza cultural e à resiliência do seu povo.

Fundamentado nas descrições, muitas vezes prejudiciais, a sociedade nordestina encontrou formas de resistência e afirmação. A cultura nordestina surgiu com uma força de autoafirmação, celebrando a diversidade. “O nordeste é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre Norte e Sul” (Albuquerque, 2011, p.51). Um território forte que fez dos pontos negativos suas cordas para resistir.

O telejornalismo apresenta elementos que o torna diferente das outras práticas de comunicar. A prática do telejornal está associada ao social, cultural e a discursões sobre o local ou as pessoas, associando sempre o uso de imagens. Para além de apenas uma voz narrar os fatos com imagens, o telejornalismo veio para inovar através dos fatos. A televisão está localizada no meio das casas, muitas vezes sendo móvel de prioridade como revela a notícia do portal do G1 em 2012, que: Número de casas com TV supera o das que têm geladeira. Não importa se é para o entretenimento ou para se manter informado, a televisão junto com a novela e os telejornais foram tornando-se parte da rotina dos brasileiros.

De acordo com Piccini (2004), o telejornal funciona como o porta-voz dos acontecimentos do mundo e do país. O que resulta também em muitos brasileiros acreditando que estão inteirados de todos os fatos, do dia a dia. Contudo a vida vai muito além das telas e nem tudo vai ao ar.

RESULTADOS PRELIMINARES



Em janeiro de 2022, o Jornal Nacional veiculou 15 notícias sobre o Nordeste, com destaque para as chuvas intensas que marcaram o período. A cobertura estava centrada principalmente no Sul da Bahia, região gravemente afetada por enchentes e destruições. Foram mencionados 68 municípios, como Ilhéus, Itabuna e Jequié, evidenciando um cenário de tragédia associado ao impacto climático. A abordagem reforçava um imaginário de desorganização e vulnerabilidade, uma vez que não foram apresentadas soluções ou projetos sustentáveis que contrapusessem as dificuldades enfrentadas.

Entre as notícias ambientais, houve registros de enchentes em outras áreas, como a cheia do Rio Tocantins, em Imperatriz (MA), e do Rio Itapecuru. A repetição dos temas e o tom sensacionalista das reportagens, com termos como “fortes chuvas” e “destruição”, moldaram uma percepção negativa do Nordeste. Esse recorte é um exemplo do efeito da agenda-setting e do enquadramento, que selecionam aspectos específicos de uma realidade para destacar determinados ângulos, contribuindo para a construção de estereótipos sobre a região.

No tema da saúde, foram encontradas quatro matérias, abordando problemas como superlotação hospitalar em Fortaleza, aumento de casos de dengue e mortes por COVID-19, além do registro da variante Ômicron em Pernambuco. O discurso verbal e não verbal das matérias reforçava a imagem de um povo fragilizado e de um sistema de saúde precário, sem apontar soluções efetivas além de cuidados básicos, como o uso de máscaras e higiene. Assim, a narrativa contribuiu para a perpetuação de uma visão de um Nordeste vulnerável e desamparado.

Por fim, as poucas notícias sobre lazer e cultura resumiram-se a registros sobre praias e festas de Ano Novo em Recife e Salvador, além do cancelamento do carnaval em cidades como São Luís e Maceió. Isso contrasta com a expectativa de um Nordeste associado ao turismo, à cultura e à religiosidade, evidenciando a influência do contexto pandêmico nas pautas. Em resumo, o primeiro mês analisado revela uma segmentação que enfatiza problemas e dificuldades, refletindo a visão de uma mídia baseada no Sudeste e contribuindo para a construção de um imaginário limitado sobre o Nordeste.

As matérias analisadas em fevereiro de 2022 apresentaram temas variados como segurança, educação, lazer e meio ambiente, destacando discursos que envolvem o



Nordeste. Entre elas, houve a menção ao assassinato de um jornalista no Ceará e ao crescimento do turismo em Salvador, que liderou o ranking pós-pandemia. Apesar dos dados sobre o aumento de voos e turistas em estados como Bahia e Pernambuco, a cobertura foi estruturada a partir de uma perspectiva carioca, sem o envolvimento direto de fontes nordestinas. Essa escolha editorial, com uso predominante de imagens de arquivo, contribui para a invisibilidade das vivências locais e reforça uma visão centralizadora do Brasil.

Entre os destaques ambientais, a matéria "Chuva dá cara nova ao Rio São Francisco" retratou o impacto positivo das chuvas recentes no rio, com imagens que exaltavam sua beleza e mostravam uma garotinha tocando sanfona em Juazeiro (BA). A narrativa reforçou a conexão cultural e emocional dos nordestinos com o São Francisco, com a participação de fontes locais e do repórter em Alagoas, demonstrando entusiasmo pela recuperação do rio após anos de seca. Outra matéria abordou a preservação da arara-azul-de-lear no interior da Bahia, com depoimentos de moradores e especialistas que destacaram a importância de medidas de proteção na caatinga, encerrando com a visão de quem vive a realidade local.

No campo educacional, a inovação foi evidenciada pela implantação de reconhecimento facial em escolas públicas de Mata de São João (BA), garantindo controle de frequência e segurança. A reportagem celebrou a modernização em um cenário rural, ressaltando o impacto positivo da tecnologia por meio de depoimentos de gestores, alunos e familiares. Essa construção narrativa contribuiu para validar a aceitação pública do uso de tecnologias educacionais como um avanço significativo, influenciando a percepção coletiva de progresso, especialmente em áreas historicamente associadas à exclusão tecnológica.

Na semana de 14 a 19 de março de 2022, o Jornal Nacional trouxe diversas matérias envolvendo o Nordeste, com destaque para desafios climáticos. Em Alagoas, a seca foi retratada com ênfase na dependência de carros-pipa para abastecimento de água em cidades afetadas, destacando imagens e depoimentos que ilustram a escassez hídrica e sua relevância no cotidiano. Já no Maranhão, 22 municípios em situação de emergência devido às chuvas foram abordados em nota coberta, com imagens amadoras evidenciando



os danos causados, como escolas e hospitais alagados. Essa diversidade climática entre os estados exemplifica as dificuldades regionais distintas dentro do mesmo território.

Outros acontecimentos abordados incluem a tragédia de um pouso forçado de helicóptero na Bahia, tratado de forma breve, e as consequências das chuvas torrenciais no sul do estado, ainda marcantes três meses após os eventos. Histórias emocionantes de moradores, como a reconstrução de casas e a luta por auxílio, destacaram a resiliência diante das perdas. Imagens de estradas intransitáveis e pontes destruídas reforçaram a precariedade da infraestrutura local, enquanto depoimentos de ajuda voluntária trouxeram um misto de tristeza e esperança.

Por outro lado, a leveza apareceu em uma matéria sobre hortaliças distribuídas gratuitamente para idosos em Fortaleza, um exemplo de solidariedade e iniciativas comunitárias. Apesar de sua presença em pautas pontuais, a escassez de notícias sobre o Nordeste ao longo da semana e o foco em problemas sociais revelam uma tendência do telejornal em tratar a região de maneira fragmentada, estimulando reflexões sobre sua representação na mídia nacional.

O mês de abril de 2022 teve 26 edições do Jornal Nacional, sendo que em três dos seis dias analisados não houve nenhuma notícia sobre o Nordeste. Nos dias 27, 28 e 30, foram encontradas matérias relacionadas a cultura e meio ambiente, como a descoberta arqueológica no Recife, novas regras para a visitação do Cânion do Xingó, a recuperação de recifes na Bahia com corais invasores e a renovação de uma companhia de dança na Bahia. Essas matérias refletem a abordagem do telejornal sobre a região, focada em aspectos culturais e ambientais.

A ausência de notícias sobre o Nordeste é significativa, dado o alcance nacional do Jornal Nacional. Isso sugere que a região pode estar sendo menos pautada ou até invisibilizada nas notícias, contribuindo para uma visão distorcida ou incompleta do Brasil. O telejornalismo não apenas relata fatos, mas seleciona e organiza as informações de forma a criar uma narrativa particular, como afirmam Coutinho e Musse (2010), o que influencia a percepção do público sobre as diferentes regiões do país.

No dia 27 de abril, foi exibida uma matéria sobre a descoberta arqueológica no Recife, que destaca o potencial histórico do local. A abordagem especializada e científica,



com fontes como bioarqueólogas e arqueólogas, confere credibilidade à reportagem. Já no dia 28, a matéria sobre o Cânion do Xingó abordou o impacto do turismo nas paisagens naturais da região e a segurança, com fontes como engenheiros e turistas, após um acidente ocorrido meses antes em Minas Gerais.

As duas últimas matérias sobre o Nordeste, exibidas no dia 30 de abril, abordaram a recuperação dos recifes da Bahia com corais invasores e o retorno de uma companhia de dança da Bahia. A primeira destacou a atuação dos pescadores, com foco na preservação ambiental, e a segunda enfatizou a importância da arte e da representatividade. Embora as matérias fossem relevantes, a dança da Bahia, por exemplo, foi tratada como um assunto secundário, mostrando como as notícias do Nordeste, mesmo sem tratar de temas pesados, são muitas vezes apresentadas de forma marginal no Jornal Nacional.

Durante a semana de 02 a 07 de maio de 2022, o Jornal Nacional noticiou seis temas principais no Nordeste, com foco em saúde, segurança, economia e meio ambiente. As notícias abordaram desde o desabamento de parte do foro de uma unidade de saúde pública em Pernambuco até problemas ambientais no litoral da Paraíba. Outras reportagens destacaram um incêndio em Recife, dificuldades no transporte de grãos no Maranhão e uma ação especial do Dia das Mães em Fortaleza para crianças com câncer.

No dia 02 de maio, duas notícias sobre o Nordeste foram apresentadas. A primeira, uma nota coberta, noticiou o desabamento do foro em Pernambuco. Embora o evento tenha sido grave, a cobertura foi superficial, com informações limitadas e sem entrevistas de fontes locais, apenas explicações da Secretaria da Saúde. O caso ilustra a precariedade da saúde pública no Nordeste, algo frequentemente abordado em filmes como Bacurau (2019), que destaca o abandono das comunidades.

Outra notícia, sobre a economia, surgiu em 04 de maio, com a proposta de uso de biofertilizantes por agricultores de Petrolina, Pernambuco, como alternativa à escassez de fertilizantes devido à guerra entre Rússia e Ucrânia. A reportagem destacou o uso de rodólitos marinhos como matéria-prima, uma inovação local. Embora a matéria tratasse de uma solução econômica, seu tom era mais voltado à inovação e sustentabilidade do que a uma análise mais profunda dos impactos econômicos na região.



Em junho de 2022, a análise do telejornal incluiu a semana de 20 a 25 de junho, abordando diversos temas, entre eles a violência policial e as festas juninas no Nordeste. A violência policial foi destacada em duas matérias, uma veiculada em 21 de junho e a outra em 23 de junho, ambas tratando do caso de Genivaldo de Jesus, morto em uma abordagem policial em Sergipe. A matéria de 21 de junho trouxe novas informações sobre o andamento das investigações, destacando a prorrogação do prazo pela Polícia Federal para finalizar o inquérito. O caso gerou debates sobre a violência policial, especialmente contra negros e nordestinos, e teve ampla repercussão em todo o Brasil.

No dia 23, o Jornal Nacional trouxe uma nova atualização sobre o caso, informando que o Ministério Público de Sergipe abriu uma investigação para verificar se houve desrespeito à lei de acesso à informação e à Constituição por parte da Polícia Rodoviária Federal. A cobertura do caso seguiu o formato de nota coberta, com uma linguagem objetiva e direta, sem dar margem para suposições, como indicava o uso da conjunção “ou”, sugerindo possíveis crimes não confirmados. Mesmo em uma abordagem mais breve, o caso continuou em evidência, gerando questionamentos sobre as práticas da polícia no Nordeste.

Em contraste com as notícias sobre violência policial, o telejornal também destacou as festividades juninas no Nordeste, começando com a matéria de 24 de junho sobre o Maranhão. A reportagem abordou o retorno das celebrações de São João, com ênfase nas tradições culturais do estado, como o bumba-meu-boi e as festividades pós-pandemia. As imagens mostraram o ritual de bênção ao boi e o entusiasmo das pessoas, com fontes locais ressaltando a importância cultural da festa, que atrai turistas e movimentada a economia regional. As entrevistas incluíram tanto participantes locais quanto turistas, como uma visitante de Curitiba, que destacou a necessidade de preservar as tradições.

No dia 25 de junho, o foco foi em Salvador, onde as festas juninas também estavam de volta. A matéria destacou a mistura de forró e samba durante o São João, com declarações de uma mãe de santo e uma historiadora, que explicaram como a festa integra tradições religiosas e culturais. As imagens mostraram multidões celebrando nas ruas, dançando e tocando instrumentos populares. A reportagem também ressaltou o caráter de



patrimônio cultural dessa manifestação, que é reconhecida em todo o Brasil. O retorno das festas juninas foi retratado como um símbolo da superação do isolamento imposto pela pandemia, mostrando a alegria de reencontros e celebrações no Nordeste.

REFERENCIAS

ALBURQUEQUE, Durval. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2011

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FREYRE, Gilberto. **Nordeste Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2004

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC – Rio: Apicuri, 2016

MAKOWIECHY, S. **Representação: a palavra, a ideia, a coisa**. Cadernos de

Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v.4, n. 57, p. 2-25, 2003.

MEMÓRIA GLOBO. História. **Globo**, 11 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia.ghtml>. Acesso em: 26 de junho de 2024

PICCININ, Fabiana. **Notícias na TV Global: diferenças (ou não) entre o telejornalismo americano e o europeu**. n.13. BOCC. Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2004.

PORTAL G1. **Número de casas com TV supera o das que têm geladeira**. Globo, 21 de setembro de 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2012/09/numero-de-casas-com-tv-supera-o-das-que-tem-geladeira.html>. Acesso em: 25 de junho de 2024